

PRÉMIO FLUC ENSINO

Relatório sobre atividade letiva

O presente relatório destina-se a cumprir o preceituado no art. 4º, n.º 1 do Regulamento do Prémio FLUC Ensino relativamente à atividade letiva desenvolvida por Ricardo Costeira da Silva do Departamento de História, Estudos Europeus, Arqueologia e Artes (DHEEAA) – Secção de Arqueologia, durante o 2º semestre do ano letivo 2020/2021 e 1º semestre do ano letivo de 2021/2022.

Ricardo Costeira da Silva

04/03/2022

1. Descrição do serviço letivo

I. No 2º semestre do ano letivo de 2020/2021:

No curso de 1º ciclo (Licenciatura) em Arqueologia

- Análise de Materiais Romanos
- Arqueologia de Laboratório (50%)

No curso de 2º ciclo em Arqueologia e Território

- Seminário de Orientação em Arqueologia Romana (2 alunos inscritos)

No 97º Curso de Férias de Língua e Cultura Portuguesas

- Arqueologia em Portugal (2h)

II. No 1º semestre do ano letivo de 2021/2022

No curso de 1º ciclo (Licenciatura) em Arqueologia

- Arqueologia da Hispânia Romana
- Arqueologia de Campo

No curso de 2.º ciclo em Arqueologia e Território

- Práticas em Arqueologia e Território I (50%)
- Seminário de Orientação em Arqueologia Romana (2 alunos inscritos)
- Seminário de Orientação em Arqueologia Medieval e Moderna (2 alunos inscritos)

2. Alguns desafios do ensino em Arqueologia em Portugal (e por inerência na FLUC)

O ensino universitário em Arqueologia tem sido confrontado nos últimos anos com uma certa dicotomia. Retirando da equação a designada “via educacional”, que há muito deixou de ser uma opção para a maioria dos alunos que frequentam os nossos cursos, ramificam-se duas visões distintas: a formação que terá como finalidade a “investigação académica” e aquela que recai numa vertente mais “aplicada” ou profissionalizante. Este debate intensifica-se na medida em que os próprios alunos, desde muito cedo, perfilam a sua formação nestes dois caminhos possíveis: ser investigador (associado ou não ao ensino superior) ou ser arqueólogo profissional com ligação à arqueologia pública e empresarial, tendo em conta o número crescente de procura de recursos humanos qualificados para a designada arqueologia preventiva ou de salvaguarda (em contexto de obra). Na teoria, estas duas visões, poderiam implicar estratégias de ensino diferenciadas e orientadas para saídas profissionais específicas. Embora compreenda a pertinência desta questão, é imprescindível assumir que um arqueólogo, desempenhando ou não uma atividade profissional de cariz empresarial, é e terá de ser forçosamente, na base da sua *praxis* e deontologia, um investigador. Se é certo que este tópico é complexo e exige uma análise mais circunstanciada, teremos de reconhecer que ao longo dos últimos anos e nesta casa

(onde fiz todo o meu ciclo de estudos) se proporcionou uma formação que promove a aquisição das competências necessárias para desenvolver e desempenhar profissionalmente as funções associadas a esta disciplina nas suas múltiplas dimensões. Uma formação tendencialmente eclética, que assenta num saber de fito holístico e habilita para o exercício da profissão de arqueólogo, inscrevendo-se num quadro epistemológico em que a Arqueologia se posiciona como uma disciplina que produz conhecimento sobre a transformação do homem e das sociedades, desde a origem até ao presente. Neste sentido, os estudos estão organizados de modo a responder às necessidades de aquisição de competências habilitadoras do exercício de tarefas de planificação, investigação, direção, execução e gestão do trabalho arqueológico nas suas distintas esferas de atuação.

Por uma múltipla variedade de fatores, como a própria organização dos cursos (apenas com disciplinas semestrais), disponibilidade financeira, aspetos logísticos entre outros, existe a tendência de apresentar planos letivos com uma componente teórica dominante. Os professores mencionam a ausência de meios como justificação que limita uma formação mais prática e os alunos reclamam por essa formação mais técnica. Na verdade, as consequências de um ensino exclusivamente teórico em Arqueologia podem ser desastrosas.

A solução não tem resposta simples, mas tenho como prioritário que o ensino da Arqueologia deve acompanhar, tanto quanto possível, o desenvolvimento da disciplina. Com efeito, para além de uma maior conjugação de esforços e iniciativas que possibilitem uma colaboração estreita entre a Universidade e outras instituições públicas (Câmaras Municipais e Museus) e privadas (empresas de arqueologia), advogo, como forma de mitigar esta lacuna persistente, o fortalecimento da formação prática de alunos em contexto de trabalho de campo enquadrado com os projetos de investigação do corpo docente, aspeto que tem vindo a decrescer e que precisa de ser reforçado.

3. A investigação ao serviço do ensino em Arqueologia na FLUC

O ensino de Arqueologia na FLUC esteve sempre associado à investigação. Desde há muitos anos, é norma os alunos acompanharem os professores, durante os meses de Verão (período não letivo), em trabalhos de escavação e/ou prospeção arqueológica relacionados com os seus projetos de investigação. Essa tem sido, assumidamente e com resultados efetivos e visíveis, a melhor estratégia para dotar os nossos alunos de competências práticas em contexto de trabalho de campo. O ensino fora de portas ou a investigação arqueológica como extensão da sala de aulas está desde os primórdios vinculado à FLUC. Lembramos Vergílio Correia, curiosamente por ocasião do centenário da sua entrada nesta Faculdade como lente de História de Arte e de Arqueologia (1921), e do decisivo passo dado em 1930 com o início da exploração metódica e regular das ruínas de Conimbriga. Recordo que tal só foi possível com o subsídio concedido (naquela data) à Secção de História da FLUC pela Junta de Educação Nacional, aplicado na compra de um talhão de terreno (ainda hoje propriedade da nossa Faculdade)

dentro das muralhas da cidade romana que permitisse – *executar trabalhos práticos úteis ao ensino*.

Como forma de superar a exposição de conteúdos tendencialmente teóricos em Arqueologia, defendo que, muito particularmente nesta área científica, o ensino e a investigação deverão ser caminhos que se cruzam e alimentam mutuamente. Creio que a investigação tem de estar na base de um ensino competente, atual, motivador e mais próximo do discente. Perfila-se, neste contexto, a estratégia que assumi e em que a convergência entre projetos autónomos de investigação proporciona aos estudantes do curso de Arqueologia, a participação ativa em ambientes de trabalho de campo, fundamentais para a sua instrução prática, técnica e intelectual. Desta forma o ensino assume-se como um processo participativo, presencial e sensorial, evitando que os alunos assumam uma atitude meramente passiva nos processos de aprendizagem.

É também deste modo que melhor se fazem cumprir as resoluções apontadas no ponto 4.1. do documento aprovado em 2017 pelo Conselho Pedagógico sobre *Dinâmicas Pedagógicas em Sala de Aula* que determina, para a área de Arqueologia, que se devem “preparar dinâmicas letivas que impliquem o uso de laboratórios e outros equipamentos necessários na formação dos arqueólogos” e que se deve procurar “dinamizar trabalhos de campo no âmbito das atividades letivas e de formação dos estudantes”.

Por força do contexto pandémico vivido, o programa de atividades previsto para o ano de 2020 foi fortemente afetado, não tendo sido realizados trabalhos de campo (escavações arqueológicas) enquadrados com projetos de investigação em curso. Os alunos ficaram assim privados do contato com as investigações no terreno, prejudicando claramente a componente de reforço das suas competências e capacitação técnica. As perspetivas para o Verão de 2021 não eram animadoras. Para além de se desconhecer a evolução da pandemia, eram poucos os docentes (em parte devido ao envelhecimento do corpo docente) com projetos de investigação ativos que incorporassem esta vertente prática de trabalho de campo. Por esse motivo, apostou-se fortemente nesta vertente, tendo-se programado um conjunto de intervenções arqueológicas por mim coordenadas, dirigidas ou acompanhadas em regime de consultadoria científica efetiva, no âmbito das quais se desse primazia à formação de estudantes universitários em contexto de trabalho prático (formação graduada e pós-graduada). Esta estratégia pareceu-me igualmente a mais adequada tendo em conta as disciplinas assumidas no meu serviço, muitas com uma forte componente de educação prática (nomeadamente Arqueologia de Campo, Análise de Materiais Romanos, Arqueologia de Laboratório e Práticas de Intervenção Arqueológica I (no 2º ciclo) e concretizou-se da seguinte forma:

- No âmbito do projeto de investigação *Conímbriga MMXX: Avaliação do potencial científico e patrimonial do Vale Norte de Conímbriga* (que coordeno) foi possível iniciar os trabalhos de escavação arqueológica na fachada norte da Casa dos Repuxos. Aqui participaram, entre 21 de junho e 10 de julho, 6 alunos da licenciatura em Arqueologia da FLUC e 5 alunos do mestrado em Arqueologia e Território da FLUC.

- No âmbito do projeto de investigação *“Da Civitas Igaeditanorum à Egitânia. A construção e evolução da cidade e a definição dos seus territórios da época romana até à doação dos Templários (séculos I a XII)”*, assumi a codireção (juntamente com Pedro C. Carvalho) das escavações arqueológicas realizadas junto da Porta Sul daquela cidade. A intervenção decorreu entre 27 de junho e 23 de julho e contou com a participação de 7 alunos da licenciatura em Arqueologia da FLUC e 4 alunos do Mestrado em Arqueologia e Território da FLUC.
- No âmbito do projeto doutoral de Pedro Macedo de Matos *“A Ocupação Antiga entre o Rio Mondego e a Serra do Buçaco: do Período Romano à Alta Idade Média”*, aluno da FLUC que cooriento (juntamente com Helena Catarino), acompanhei em regime de coordenação e consultadoria científica as diversas escavações arqueológicas (25 de março a 12 de abril; de 21 de junho a 31 de julho; de 06 de setembro a 1 de outubro) que realizou nos sítios do Patarinho e do Passal, ambos no concelho de Santa Comba Dão. Refira-se ainda que este tipo de colaborações se assume como extensão do trabalho pedagógico, permitindo oficializar o apoio extracurricular concedido no âmbito dos projetos de investigação dos discentes. Nestas campanhas participaram 9 alunos da licenciatura em Arqueologia da FLUC e 7 alunos do Mestrado de Arqueologia e Território da FLUC.
- Por último, gostaria de referir que no âmbito da minha participação no projeto *Economía y comercio en la fachada atlántica del actual Marruecos durante la antigüedad tardía* coordenado por Adolfo Fernández da Universidade de Vigo, tive a oportunidade de realizar escavações (entre 28 de outubro e 8 de novembro) no sítio de Tahaddart (norte de Marrocos) e liderar uma equipa constituída por alunos graduados e pós-graduados da Faculdade de História do *Campus* de Ourense e de diferentes Universidades marroquinas. A participação nesta missão estrangeira e o contato e supervisão de alunos de outras Universidades e “Escolas” possibilitou-me a revisão sustentada e autocrítica metódica dos modelos de ensino/aprendizagem deste tipo de ações no campo.



Idanha-a-Velha, campanha de Verão de 2021.



Conímbriga, campanha de Verão de 2021

4. O serviço letivo em 2021

Ainda que de forma menos ostensiva comparativamente ao ano anterior, ao longo de 2021 a prática letiva foi diretamente afetada pelo contexto de pandemia (COVID-19). Relembramos, por exemplo, que no 2º semestre de 2020-2021, o ensino presencial só foi retomado no dia 19 de abril seguindo ainda um modelo híbrido com lotação máxima das salas (cerca de metade da sua capacidade), que exigia a rotatividade por turnos da aula presencial semanal. Desde o início de 2020-2021 que as aulas têm tido a duração máxima de 90 minutos, implicando uma reprogramação das temáticas e conteúdos lecionados. Esta situação agravou-se no 1º semestre do ano letivo de 2021-2022 com o retardar do início das aulas do 1º ciclo para 6 de outubro (dado o atraso do concurso nacional de acesso ao ensino superior) reduzindo-se para cerca de nove o número de semanas efetivas de aulas (incluindo a suspensão de aulas para as festas académicas).

A lista de constrangimentos e restrições motivada pelo contexto de pandemia que vivemos é variada e afetou, inevitavelmente, instituições de ensino, estudantes, docentes e não docentes. Apesar disso, avalio positivamente o funcionamento genérico das unidades curriculares que lecionei. Isso implicou, naturalmente, alguma flexibilidade e trabalho acrescido para que aulas e programas se pudessem adaptar a esta nova realidade. Em primeiro lugar, sublinho que sempre nos empenhámos no bom acolhimento, integração e acompanhamento de todos os estudantes. Como sabemos, o ensino a distância (e mesmo o modelo híbrido) pode levar ao distanciamento dos alunos. Beneficiando, por certo, de um adequado e razoável número de alunos nas disciplinas que lecionei, tentou-se ultrapassar estes constrangimentos com uma maior proximidade e acompanhamento individual do discente.

A necessidade de implementação de novas estratégias não condicionou alguns dos princípios gerais que têm norteado o ensino das disciplinas que nos foram distribuídas. Entre elas sublinha-se novamente a forte componente de base que a investigação tem nos programas ministrados e que assegura a robustez e atualização científica dos conteúdos. Outra característica comum é a utilização de tecnologias audiovisuais, fundamentalmente imagens, simulações ou apresentação de casos de estudo, sob a forma de apresentação de diapositivos (powerpoints) eloquentes do ponto de vista gráfico. Sempre se teve a preocupação em apresentar bibliografia que esteja disponível em bibliotecas da Universidade. Durante os meses de pandemia procurou-se disponibilizar todos os materiais de apoio necessários em formato digital através da plataforma *Nonio* ou indicar o atalho de acesso livre através da internet. Para além disso, a preparação de dinâmicas letivas que valorizem a realização de exercícios práticos tem sido indissociável, como veremos, à maioria das disciplinas lecionadas, adaptando-se os métodos de instrução e diversificando-se as estratégias e atividades de ensino-aprendizagem. A saber:

1º CICLO EM ARQUEOLOGIA

2º semestre do ano letivo de 2020-2021

a) Análise de Materiais Romanos:

Nesta disciplina pretende-se, entre outros objetivos, que os alunos aprendam a identificar e classificar as diferentes categorias de cerâmica romana. Assim, a observação presencial e direta, o manuseamento e o próprio exercício de identificação, descrição e classificação dessas cerâmicas assumem neste âmbito um peso significativo. Perto de 50% das aulas têm uma componente exclusivamente prática que é incorporada na dinâmica da sala de aula e levada a cabo em grupo ou individualmente. Como já foi referido, neste semestre a assistência presencial às aulas apenas começou a 19 de abril e em regime híbrido (1 aula por semana). Deste modo, optou-se por esgotar todas as aulas teóricas e expositivas até esta data, reservando para depois a concentração das aulas práticas.

A partir de 19 de abril passámos a ter a possibilidade de realizar uma aula presencial por semana, direcionada para a realização de exercícios práticos e de manuseio de peças cerâmicas. No entanto, a imposição de lotação máxima para uso das salas, limitou a metade o número de alunos que poderia assistir presencialmente a esta aula prática semanal, dado que a sala do Palácio de Sub-Ripas onde decorrem estas aulas, por razões de ordem logística e de segurança (de transporte e depósito do espólio arqueológico analisado), apenas suportaria 11 alunos em simultâneo. Este regime de rotatividade semanal não se compaginava com os objetivos e competências a adquirir - era necessário que todos os alunos frequentassem um número mínimo satisfatório de aulas práticas presenciais que desta forma não estava assegurado. A solução encontrada foi definir dois turnos e duplicar a aula presencial semanal. Às 4^{as} feiras, para além da aula estipulada das 18-20h, passei a assegurar uma nova aula das 16-18h para um outro turno de alunos que estava disponível nesse horário. Desta forma, todos os alunos puderam participar nas 5 aulas práticas presenciais previstas.

b) Arqueologia de Laboratório (50%):

Esta unidade curricular visa expor aos alunos a diversidade de métodos laboratoriais ao dispor dos arqueólogos. Pretende-se, assim, que o aluno adquira conhecimentos básicos, de natureza prática e conceptual no âmbito da gestão e tratamento dos dados arqueológicos, assim como dos métodos analíticos provenientes de outras disciplinas que são utilizados na investigação arqueológica. Tendo em conta os constrangimentos já explanados para este semestre, determinou-se (em conjunto com Armando Redentor – com quem partilhámos a disciplina), para além da integração de intervenções previamente preparadas pelos alunos, a possibilidade de contarmos com a colaboração e intervenção de especialistas em áreas interdisciplinares à arqueologia. Para além da participação dos nossos colegas Doutora Raquel Vilaça (DHEEAA/FLUC) e do Doutor Luca Dimuccio (Departamento de Geografia e Turismo/FLUC) foi possível dinamizar as aulas práticas com a presença de investigadores de outras instituições.

Para a área da arqueobotânica participou o Doutor João Tereso (CIBIO/U Porto) com exposição de casos de estudo e observação de macro-restos vegetais recolhidos em contextos arqueológicos. Para a antropologia biológica contou-se com a colaboração da investigadora Sofia Tereso (CIAS/UC). Na área da arqueogenética teve-se o apoio do Doutor João C. Teixeira (Investigador no Department of Genetics and Evolution School of Biological Sciences. University of Adelaide (Australia)). Foi ainda possível fornecer aos alunos uma noção dos rudimentos da ilustração arqueológica e, com a colaboração do Dr. José Luís Madeira (FLUC), testar a prática do desenho de objetos cerâmicos com exercícios práticos.

Sublinhe-se que, algumas destas atividades, tiveram o seu devido desenvolvimento em prática de campo enquadrada nos projetos de investigação acima mencionados. O desenho arqueológico de campo e o tratamento do espólio (fases de pré-inventário) são já ações normalmente desenvolvidas durante os trabalhos de escavação arqueológica. Nas campanhas arqueológicas de 2021 em Conímbriga e Idanha-a-Velha foi ainda possível desenvolver trabalhos práticos de arqueobotânica – desde a recolha de diversos tipos de amostragem até aos trabalhos de flutuação sedimentar.



Conímbriga (julho de 2021) - trabalhos de flutuação de sedimentos

1º semestre do ano letivo de 2021-2022

c) Arqueologia da Hispânia Romana

Nesta unidade curricular pretende-se, em traços gerais, que o aluno compreenda o papel da Hispânia na estrutura de funcionamento do Mundo romano e que reconheça os vestígios que resultaram dessa participação numa perspetiva de Arqueologia Provincial.

O número reduzido de aulas previstas para este semestre condicionou alguns aspetos que se encontravam convencionados nesta disciplina. Para além de uma reestruturação do programa (tornando-o menos extenso), optou-se, extraordinariamente, pelo método de avaliação por exame final (tendo em conta igualmente o número total de alunos inscritos – 34). A opção por este método de avaliação foi tomada em conjunto com os alunos e por unanimidade.

Da mesma forma e pela primeira vez, neste semestre não se realizou qualquer visita de estudo a sítio com vestígios de ocupação romana. Não obstante, beneficiámos da exposição intitulada “*Aeminium – Coimbra, cidade há dois mil anos*”, patente na Sala da Cidade em Coimbra até 6 de novembro de 2021 e cujo comissariado partilhámos com Pedro C. Carvalho. Esta exposição reuniu, de forma sintetizada, os vestígios que hoje se conhecem da antiga cidade romana de *Aeminium* (Coimbra). Esta oportunidade de visita permitiu transpor o ensino para fora da sala de aula, colocando também os alunos à descoberta desses vestígios um pouco por toda a Alta de Coimbra.

Esta será uma das disciplinas onde fará mais sentido realçar a forte componente de base que a investigação tem nos programas ministrados e que assegura a robustez e atualização científica dos conteúdos. Os projetos de investigação mencionados e em curso, nomeadamente em Conimbriga e em Idanha-a-Velha, abastecem naturalmente o debate científico atualizado acerca do mundo provincial romano.

Nas aulas expositivas recorreu-se, como vem sendo hábito, a meios audiovisuais que promovem a observação e análise de figuras ou mesmo a visita virtual de alguns sítios arqueológicos emblemáticos com vestígios de ocupação de época romana. Para além disso, também se valorizou o debate temático sobre diversos itens programáticos através do comentário de textos (incluindo excertos de autores clássicos) e de documentários audiovisuais (vídeos).

d) Arqueologia de Campo

A Arqueologia de Campo é o domínio científico essencial para o exercício da prática de campo. É nesta disciplina que se estudam as técnicas e metodologias utilizadas em prospeção e escavação arqueológica e se dão a conhecer as mais recentes e atualizadas tendências da produção científica nos planos da análise e da síntese da historiografia da Arqueologia. Tentando integrar os alunos no universo conceptual próprio da disciplina e ao expor os conhecimentos de forma problematizante, pretende-se que estes aprofundem o estudo e a experiência de campo do ponto de vista científico, não preterindo a relevância da divulgação ou da conservação e proteção do património arqueológico. Durante o processo é importante chamar a atenção para as fontes de informação e metodologias de investigação que são utilizadas na construção do conhecimento e promover o seu uso de forma ética.

A presença de alunos (de formação graduada e pós-graduada) nas escavações realizadas em período não letivo e no âmbito dos projetos de investigação acima referidos, revela-se a melhor estratégia de ensino dessas competências. O esforço realizado e a nossa presença em vários projetos convergentes deve-se à necessidade de garantir as mesmas oportunidades (vagas) a todos os alunos do 1º e 2º ciclo em Arqueologia e não apenas aos que frequentam a disciplina de Arqueologia de Campo. Estamos certos que o reforço das suas competências e capacitação técnica e científica contribuirá para uma melhor integração futura no mercado de trabalho e para uma melhor perceção dos desafios da profissão.

O número reduzido de aulas previstas neste 1º semestre implicou a realização de ajustamentos ao que têm vindo a ser prática comum nesta disciplina. A avaliação, neste caso, foi excecionalmente realizada por exame final, libertando todas as aulas para exposição de conteúdos e simulação de casos práticos. Esta foi a opção selecionada de forma unânime pelos alunos que muito bem entenderam os constrangimentos existentes neste semestre.

Foi ainda possível realizar uma visita de estudo ao Museu Nacional de Machado de Castro, nomeadamente à designada “sala das sapatas” (igreja românica de S. João de Almedina) onde se realizaram exercícios práticos de análise estratigráfica ao perfil da sondagem arqueológica (que efetuámos em 2011) que se encontra visitável.

2.º CICLO EM ARQUEOLOGIA E TERRITÓRIO

1º semestre do ano letivo de 2021/2022

e) Práticas em Arqueologia e Território I (50%)

Nesta unidade curricular, que opera em regime tutorial, pretende-se que os alunos, detendo já uma formação inicial em arqueologia, reflitam sobre as suas múltiplas dimensões. Como o nome faz supor é uma disciplina que procura desenvolver a capacidade de trabalho prático dos alunos, esperando que estes sejam capazes de elaborar tarefas como um projeto de investigação, valorização ou divulgação, organizar uma reunião científica, publicar um artigo, um desdobrável, definir os conteúdos de painel explicativo, organizar uma visita de estudo, um catálogo de sítios, um roteiro cultural, redigir relatórios de trabalhos de campo, etc. Os trabalhos sugeridos pelos alunos cruzam temáticas variadas. No entanto, pelo menos um dos trabalhos exige uma saída de campo. Neste ponto, tenta-se promover a autonomia dos alunos. Embora com acompanhamento tutorial semanal, deverão ser eles a sugerir os temas dos seus trabalhos/relatórios que, várias vezes, implicam o contato direto e a formulação de protocolos de parceria (cedência de informação ou espólio para estudo) com outros arqueólogos profissionais a trabalhar em autarquias, museus ou empresas privadas de arqueologia.

Mais do que a transmissão unidirecional de um saber pré-estabelecido, deseja-se aqui estimular a racionalidade crítica, dotando os alunos de competências intelectuais e técnicas por forma a torná-los em elementos que promovam, em substância, o desenvolvimento da disciplina e das suas aplicações sociais.

Durante o semestre incentivou-se os estudantes a apresentar os seus trabalhos (por três vezes) através de exercícios de apresentação ou exposição oral.

Dada a componente prática da unidade curricular, muito do sucesso revelado pelos estudantes, está intimamente relacionado com o facto de, ao longo da sua formação, terem tido acesso à simulação prática de processos como a prospeção, escavação arqueológica ou a classificação de material arqueológico. Mais uma vez ganha especial relevância a presença dos formandos em trabalhos de campo, durante período não letivo, no âmbito dos projetos de investigação referidos.

f) Seminários de Orientação

No âmbito do 2º ano do Mestrado em Arqueologia e Território tivemos a oportunidade de orientar 2 alunas no 2º semestre de 2020-2021 em Seminário de Arqueologia Romana e iniciámos a orientação de mais 4 alunos no 1º semestre de 2021-2022 em Seminário de Arqueologia Medieval e Moderna (2 alunos) e Arqueologia Romana (2 alunos).

Todos os seminários de orientação têm uma base tutorial significativa e, apesar das diferenças entre os projetos desenvolvidos, é possível encontrar um conjunto de conceções comuns. Em todos os casos a tutoria foi realizada de forma efetiva ou regular (em determinadas fases com acompanhamento quase quotidiano) e visou promover e facilitar o desenvolvimento integrado dos estudantes não apenas na dimensão intelectual e teórico-prática, mas também muitas vezes na sua dimensão pessoal e social. Através deste acompanhamento individual, procurou-se facilitar a adequação dos seus conhecimentos e atitudes, a planificação do seu projeto académico e o cumprimento da calendarização programada.

Nos últimos anos tenho verificado que apenas um reduzido número de alunos apresenta a preparação necessária para o desenvolvimento de dissertações. Julgo que será mais benéfico para uma grande margem de estudantes seguir a via dos estágios que os coloquem em situação real de exercício da profissão. No entanto, deverá ter-se em linha de conta o perfil do aluno na hora de selecionar a instituição de acolhimento parceira e a temática do estágio a realizar. Essa análise está dependente da realização de um diagnóstico junto do estudante e da boa perceção de quais as suas aspirações futuras, objetivos e interesses e, por outro lado, do conhecimento efetivo das instituições de acolhimento parceiras e respetivos supervisores disponíveis. Efetuando este confronto as soluções encontradas podem ser bastante diversificadas.

Exemplo disso é o caso dos alunos cuja orientação iniciei no 1º semestre do presente ano letivo cujos estágios se distanciam pela natureza das temáticas desenvolvidas e das instituições de acolhimento selecionadas. Em dois casos, em virtude do projeto de investigação em curso, foi possível realizar estágio no Museu Monográfico de Conimbriga – Museu Nacional beneficiando do corpo técnico especializado, das instalações adequadas e desenvolvendo temáticas de investigação correlacionadas com os projetos de investigação em que participo. Noutro caso o estágio foi integrado no quadro da autarquia de Viseu, mais concretamente no Pólo Arqueológico de Viseu.

No último ano tem-se procurado alargar a rede de protocolos ativos também com instituições privadas. Para além das autarquias e museus, creio que algumas empresas de arqueologia podem melhor satisfazer o perfil e objetivos de alguns candidatos. Nesse sentido, foi possível estabelecer um novo protocolo com a empresa Engobe, Lda., onde um aluno se encontra a realizar o trabalho de estágio, tal como desejava, em ambiente próximo da arqueologia preventiva e em contexto de obra.

Por último, deverá dar-se nota de uma coincidência. Todos os supervisores destes estágios são antigos alunos com percurso académico realizado na FLUC. Este não foi, obviamente, um critério de seleção. Contudo julgo que pode ser igualmente interessante esta relação e envolvimento de *alumni* nos processos de aprendizagem e ensino atuais.

97º CURSO DE FÉRIAS DE LÍNGUA E CULTURA PORTUGUESAS

2º semestre do ano letivo de 2020-2021

g) Arqueologia em Portugal (2h)

Tendo em conta a temática desta disciplina de opção e dada a impossibilidade, este ano, de sair da sala de aula, promovi uma visita virtual (através de conteúdo audiovisual e imagens) a alguns sítios arqueológicos com vestígios de ocupação romana e emblemáticos em Portugal. Mais uma vez, Conimbriga e Idanha-a-Velha, se perfilaram como os principais locais apresentados devido às facilidades oferecidas pelos projetos de investigação em curso.

Coimbra, 4 de Março de 2022

(Ricardo Costeira da Silva)